

Melhoramentos nos Subúrbios: a produção do espaço suburbano carioca nas revistas ilustradas (1902-1922)¹

Improvements in the Suburbs: the production of Rio's suburban space in illustrated magazines (1902-1922)

Vitor de Almeida,² UERJ

Resumo

O subúrbio do Rio de Janeiro atravessou diversas transformações materiais nas duas primeiras décadas do século XX, em decorrência das reformas urbanas levadas adiante pelas sucessivas administrações federais e municipais. Utilizando as revistas ilustradas como fontes de análise para observar como eram representados os processos de urbanização nos bairros suburbanos da cidade, buscamos entender os impactos da modernização dos espaços suburbanos através dos ideais de progresso vigentes. Diante da perspectiva de uma *belle époque* suburbana, o presente artigo traz observações sobre as influências da modernidade em outras áreas da então capital federal.

Palavras-chave: Rio de Janeiro; Subúrbio; Modernidade; Imprensa; Belle époque.

Abstract

The suburbs of Rio de Janeiro crossed several material transformations in the first two decades of the 20th century, as a result of urban reforms carried out by successive federal and municipal administrations. Using illustrated magazines as sources of analysis to observe how urbanization processes were represented in the city's suburban neighborhoods, we sought to understand the impacts of the modernization of suburban spaces through current ideals of progress. Given the perspective of a suburban *belle époque*, this article brings observations about the influences of modernity in other areas of the then federal capital.

Keywords: Rio de Janeiro; Suburb; Modernity; Press; Belle époque.

Introdução

No fim do ano de 1914, Lima Barreto descrevia suas impressões sobre as intervenções nos subúrbios do Rio de Janeiro, região marcada pelo sua vida bucólica:

Nos subúrbios, as velhas chácaras, cheias de anosas mangueiras e piedosos tamarineiros, vão sendo ceifados pelo machado impiedoso do construtor de avenidas. Dentro em breve, não restarão senão uns exemplares dessas frondosas árvores, que foram plantadas mais com o pensamento nas gerações futuras, do que mesmo para atender às necessidades justas dos que lançaram as respectivas sementes à terra. Passando hoje, pelo Engenho Novo, vi que tinham derrubado um velho tamarineiro que ensombrava uma rua sem

¹ Artigo produzido sob fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – Faperj.

² Doutorando em História Social do Território pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro – Faculdade de Formação de Professores, pela linha Território, Identidades e Representações. Pesquisa financiada com fomento da Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ. Email para contato: vitor.historia88@gmail.com.

trânsito nem calçamento. A venerável árvore não impedia coisa alguma e dava sombra aos pobres animais, que, sob o sol inclemente, arrastavam pelo calçamento pesadas "andorinhas", caminhões, que demandavam o subúrbio longínquo. Era uma espécie de oásis, para as pobres alimárias, que resignadamente ajudam a nossa vida (Correio da Noite, 31/12/1914, p. 1).

Enquanto literato, Lima Barreto é uma das maiores referências para os estudos destes espaços e territórios da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX, dispondo seus textos de críticas sociais, posicionamentos políticos e percepções sobre uma cidade que se transformava para atender as demandas do progresso. É desta forma que sua percepção sobre a modernização da cidade do Rio de Janeiro é utilizada como instrumento de denúncia e relato histórico sobre, entre outras questões, os impactos das intervenções sobre a cidade e, em especial, nos subúrbios.

O subúrbio carioca, como objeto de estudo, ganhou força especialmente na década de 2010. Tendo como marco divisor da percepção sobre a categoria, o trabalho de Nelson da Nóbrega Fernandes (2011) amplia o debate acadêmico que aborda as questões suburbanas do Rio de Janeiro. Fernandes propõe em sua pesquisa dois pontos importantes que impactam na requalificação do conceito de subúrbio carioca: 1) o rompimento com a lógica “trens-subúrbios-proletário”; 2) a categoria subúrbio, no Rio de Janeiro, ter sofrido um “rpto ideológico”.

Questionando a proposta em torno da tríade “trens-subúrbios-proletários”, o geógrafo mostra que outros agentes atuaram para a produção espacial suburbana. Agentes imobiliários particulares, por exemplo, retalharam a extensa paisagem rural, transformando-a em muitos lotes para atenderem a demanda imobiliária da crescente necessidade por habitações. Outros vetores também contribuíram nessa produção espacial, como as linhas de bondes; a chegada de grandes e pequenas indústrias que se instalaram na região; o crescimento dos comércios locais e a consequente lógica de consumo; a própria ação da população e de agentes públicos e privados. Nesse sentido, cada um desses agentes possui “suas lógicas e necessidades [que] excedem em muito as variáveis trens-subúrbios-proletários que moldam a imaginação e o pensamento sobre o subúrbio carioca” (Fernandes, 2011, p. 9).

Fernandes ainda aponta que a construção dessa lógica homogênea traduzida na ligação entre trens, subúrbios e proletários é obra de um “rpto ideológico” a partir da Grande Reforma Urbana³: “de agora em diante”, afirma Fernandes, “essa categoria deixa de ser usada

³André Nunes Azevedo (2016) revisita o tema das reformas urbanas praticadas pelos governos federal e municipal de Rodrigues Alves e Francisco Pereira Passos, argumentando ser o “momento crucial no qual duas distintas tradições se entrecruzam para a realização da maior reforma urbana já levada a cabo na história do Brasil” (Azevedo, 2016, p. 21).

na representação de todos os espaços circunvizinhos à cidade para se fixar exclusivamente naqueles do norte e do oeste, servidos pela ferrovia”. E complementa que, em termos sociais, “subúrbio passa a representar o espaço idealizado como lugar do proletariado e das indústrias, simbolizando o ambiente das classes sociais e das atividades rejeitadas pela cidade” (Fernandes, 2011, p. 58).

O regime republicano, em seu estabelecimento após a derrubada da monarquia brasileira, avançou sobre o espaço da então capital do país através de reformas urbanas que pretendiam modernizar as estruturas da cidade para que novas mercadorias circulassem de forma mais eficiente, a partir do porto. Os impactos de uma nova perspectiva de consumo e costumes foram traduzidos na sociedade carioca com a emergência de uma burguesia urbana que passaria a circular, entre os espaços remodelados, na imponente Avenida Central.

Esta perspectiva de transformações materiais e imateriais a partir do desenvolvimento de novos meios tecnológicos e de novas tecnologias, assim como as mudanças na produção e consumo de artes, turbulências políticas e revoluções na área das ciências deu ao período o adjetivo de *Belle Époque*. No Brasil, O liberalismo e a igualdade como pilares do Estado Democrático para Norberto Bobbio “bela época”. Segundo Guimarães, “identificada com as práticas culturais aristocráticas do eixo Paris-Londres, a nossa *Belle Époque* coincide com a derrocada da monarquia e a gênese do regime republicano, alcançando seu apogeu nas duas primeiras décadas do século XX”. A historiadora ainda destaca que é de comum acordo na historiografia brasileira que um dos símbolos deste período é a Grande Reforma Urbana, intervenções protagonizadas pelos governos federal e municipal sobre a cidade, “que deu feições brancas e europeias à capital federal, transformando-a em vitrine do novo regime”. É característico destes novos tempos, entre as modas e espetáculos, “o cosmopolitismo da modernidade, e os cronistas do mundanismo carioca - a exemplo de Paulo Barreto, o popular João do Rio - davam o tom, orientando a vida *chic*” (Guimarães, 2013, p. 69-70).

Em contraposição ao mundanismo apontado anteriormente, as linhas de Lima Barreto traçam críticas militantes ao avanço deste progresso pretendido pelo novo regime político. Verificando os preceitos do ideal republicano de *progresso*, o debate proposto por André Nunes Azevedo (1998) mostra que há um redimensionamento do conceito na Primeira República, comparado ao que era vigente no Império:

No imaginário republicano, o principal requisito de ser civilizado não é mais vivenciar a ética aristocrática do mundo europeu, mas antes, conseguir conjugar o desenvolvimento técnico, infra-estrutural do país, com a manutenção de sua ordem interna. Ou seja, progresso agora passa a ser

fundamentalmente desenvolvimento econômico e controle das disrupções sociais e políticas das massas (Azevedo, 1998, p. 22).

É desta forma que nos colocamos diante de notícias que envolvem os chamados “melhoramentos” na região suburbana do município do Rio de Janeiro, notícias essas que estampam páginas de periódicos de grande circulação na cidade. Nesta oportunidade, optamos por análises focadas nas revistas ilustradas, fontes que passaram à margem de pesquisas mais detalhadas relativas à história dos subúrbios cariocas. Nos termos do ensaio que se apresenta, destacamos fontes retiradas especificamente de dois títulos, as revistas *Fon Fon* e *O Malho*, mas sem deixar de lado o uso de outros títulos, para o caso de comparação e complementação do debate. Por isso, é importante levarmos em consideração o papel da revista como fonte nesse processo de análise.

As revistas ilustradas como fonte

Por ora, desviando dos debates mais aprofundados sobre as perspectivas e perfis das revistas citadas - algo que será feito no percorrer da pesquisa -, nos detemos no papel da revista ilustrada como fonte para a história social urbana. Para entendermos melhor a importância do uso das revistas ilustradas sobre as transformações pelas quais passava a cidade durante a modernização de seus espaços ao longo das duas primeiras décadas do século XX, precisamos atentar que, como espelho dos tempos modernos em questão, as revistas expressavam a velocidade das transformações que o momento pretendia impor.

Evelyn Morgan Monteiro (2008) destaca, quando aponta para o termo “passar em revista”, que esse material tem “sua linguagem ágil e em movimento”, condensando “o aspecto veloz, ágil, de fácil acesso, de bem de consumo, que se contrapõe à cultura livresca de outrora, que já não era capaz de dar conta desse mundo de transformações técnicas”, é o “espelho do seu tempo”. Tais publicações buscavam “dar conta de um mundo em mutação, de uma sociedade que vivia a fluidez da modernidade através das reformas na cidade, dos avanços tecnológicos e das mudanças políticas”. Sendo assim, seus registros vão além do texto, diferenciando-as dos jornais, já que seus elementos extratextuais (“cada vinheta, reclame, anúncio, capa ilustração ou charge”) nos permitem “perceber o perfil de seus leitores, seus anunciantes [e], portanto, daqueles que financiam o periódico e a proposta de seus publicitários (Monteiro, 2008, p. 20-21).

Com uma ampla variedade de informações e comunicados, as revistas dinamizaram diferentes elementos que poderiam ser apreciados pelo público. Sua circularidade se destacou pelo seu baixo custo e pelos assuntos integrados com a realidade. Traduziam em sua produção

não apenas as publicações em si, mas emergiam como produtos das diversas técnicas e tecnologias empregadas para sua confecção, que passavam pela fotografia, pela parte gráfica, pelo material do produto, as artes estampadas nas páginas etc. É o que mostra Ana Luiza Martins (2003), quando chama atenção para tais fontes serem “armadilhas documentais”:

Todos os seus componentes, aparentemente corriqueiros – formato, papel, letra, ilustração, tiragem – sugerem indagações que pronunciam a carga de historicidade presente [nas revistas] (...) Em geral matizavam a realidade, veiculando imagens conciliadoras de diferenças, atenuando contradições, destilando padrões de comportamento, conformando o público leitor às demandas convenientes à maior circulação e ao consumo daquele impresso. Ou seja: expressavam o comprometimento apriorístico com aquilo que o leitor queria ler e ‘ouvir’ (Martins, 2003, p. 60-61).

Diante da ampliação do número de leitores, a imprensa profissional surge como um dos aspectos desses novos tempos. Martins e Luca (2006) mostram o setor como um setor “vibrante e decisivo nos destinos do país”, resultado da especial conjuntura vivida pelo Brasil, na qual os programas de alfabetização e de remodelação das cidades, entre outras medidas tomadas pelo regime republicano, promoveram um cenário propício para a ampliação da circulação de periódicos noticiosos (Martins e Luca, 2006, p. 37). Diferente da produção do século XIX, voltado principalmente para questões políticas e críticas à Monarquia, na primeira fase republicana o jornalismo se profissionalizou e melhorou a qualidade do produto – jornais e revistas -, com os investimentos em novas tecnologias e materiais para as publicações. E não apenas: arregimentou literatos que, então, “se improvisaram em profissionais de imprensa, tornando-se figuras influentes no cotidiano urbano” (Idem, p. 40). Desta forma, as revistas, como instrumento que carrega em seu próprio nome a dinâmica de um tempo que transita em velocidade de transformações aceleradas, traduzem a circularidade desses novos tipos de realidades e posicionamentos em uma sociedade em transição.

Os elementos passíveis de análise e que compõem as revistas são diversos. Desde o material das publicações, passando pelo processo de criação e impressão, seus autores e corpo editorial, chegando às publicações de fato, como os textos, anúncios, fotografias e ilustrações, temos aí um vasto campo de contextualização e leitura histórica do período por onde percorremos com nossas análises. Como afirma Mônica Pimenta Velloso (2010), é no período da Primeira República que se inicia o processo da moderna comunicação de massa no Brasil, tendo aí as revistas um papel estratégico e de grande impacto social. Diferente dos livros e jornais, a revista “não visa captar a realidade imediata; ela se esforça para tornar-se objeto de reflexão” (Velloso, 2010, p. 43). Por isso, nesta presente oportunidade, os textos e as

fotografias nas revistas serão os pontos focais para observarmos e refletirmos sobre a exposição desses ideais de melhoramentos nos subúrbios cariocas da Primeira República. E, assim como é oportuno percorrermos as páginas revisteiras para buscarmos em seus textos e imagens as impressões que tratem dos subúrbios cariocas e as transformações pelas quais passavam seus espaços, moldados ao toque da modernização e do progresso, é preciso entender o que é esse espaço em transformação para passarmos, em seguida, às análises do material nas fontes especificadas.

O espaço suburbano entre textos e fotografias

Retomando um trecho da escrita de Lima Barreto apresentado no início, podemos observar que o escritor aponta os impactos dos avanços dos “melhoramentos” na paisagem suburbana; é sob o “machado impiedoso do construtor de avenidas” que o espaço passa a ser reformulado e produzido sob as imposições materiais do progresso. É desta forma que “as velhas chácaras, cheias de anosas mangueiras e piedosos tamarineiros, vão sendo ceifados” para dar lugar a uma nova configuração do espaço.

Cabe aqui, diante dessa primeira percepção, levantarmos a questão da produção do espaço urbano - em nosso caso, suburbano. Roberto Lobato Corrêa (2004) nos mostra que o espaço urbano pode ser traduzido como a consequência do acúmulo material de uma dinâmica complexa do processo do capitalismo, a qual estão envolvidos diferentes agentes sociais e seus interesses. A ocupação do solo urbano e o resultado de sua produção responde às práticas relativas a esse complexo dinamismo que, como é dito por Corrêa, impulsiona uma constante de ocupação de novas áreas:

A complexidade da ação dos agentes sociais inclui práticas que levam a um constante processo de reorganização espacial que se faz via incorporação de novas áreas do espaço urbano, densificação do uso do solo, deterioração de certas áreas, renovação urbana, relocação diferenciada da infraestrutura e mudança, coercitiva ou não, do conteúdo social e econômico de determinadas áreas da cidade (Corrêa, 2004, p. 11).

Um exemplo que podemos trazer aqui, mesmo que não seja partindo de uma revista ilustrada, nos ajuda a dar um primeiro passo na direção de como a ideia dos melhoramentos permeiam a escrita em periódicos do momento. No jornal *A Época* encontramos a descrição da transformação do espaço em Bangu a partir de iniciativa da direção da fábrica de tecidos local. Os melhoramentos proporcionados pelo diretor-geral, o espanhol João Ferrer, são ditos assim:

O sr. João Ferrer é um industrial inteligente e ativo, dotado de um coração sensível e de uma alma simples, que lhe vale bem a estima de que goza no meio daquele núcleo de operários que, satisfeitos e risonhos, trabalham debaixo de sua administração. *O Bangu, que antes de ser confiado a esse benemérito, era um foco de sapos, mosquitos, cobras e miasmas, está hoje transformado, graças ao seu esforço, ao seu grande valor administrativo, em verdadeira cidade* (A *Época*, 8/09/1913, p. 6, grifo nosso).

A parte grifada do trecho do jornal traz alguns elementos para que possamos investir nossas análises sobre a circularidade da ideia de progresso, a começar pelos evidentes elogios tecidos ao industrial. Como um benfeitor dos melhoramentos em Bangu, João Ferrer atua sob os princípios de um agente de produção do espaço, já que a fábrica precisava de ambiente propício para a circularidade de seus ativos hegemônicos locais. É desta forma que o diretor, segundo o jornal, teria uma boa reputação no meio dos operários.

Outro ponto interessante a ser observado é o uso do termo “uma verdadeira cidade”. Antes da gestão de Ferrer, Bangu teria sido um “foco de sapos, mosquitos, cobras e miasmas”, ambiente nada propício para se viver e, conseqüentemente, aquém do necessário para estar alinhado com um espaço fabril moderno. A *cidade* surge como espaço materializado para a circularidade dos ideais modernos. É sob o “machado impiedoso”, dito por Lima Barreto, que a paisagem, outrora repleta de insetos e répteis, é destruída para ser ressignificada nos termos urbanos por um agente social que figura nos apontamentos de Roberto Lobato Corrêa⁴ - os grandes industriais. Estes são, “em razão de suas atividades, grandes consumidores de espaço. Necessitam de terrenos amplos e baratos que satisfaçam requisitos locacionais pertinentes às atividades de suas empresas”. É desta forma que a terra possui um duplo papel: “o de suporte físico e o de expressar diferencialmente requisitos locacionais específicos às atividades” (Corrêa, 2004, p. 13).

Não é nosso objetivo lançar um olhar mais apurado sobre a atuação de João Ferrer no espaço em Bangu e sua atuação como agente de produção espacial e que dinamiza as relações sociais e culturais locais, mas este caso nos permite traçar comparativos para percebermos como os espaços suburbanos se transformam no período. É oportuno verificarmos a circularidade sobre a percepção do que era o subúrbio naquele momento. Em 27 de julho de 1907 a revista *Fon Fon* relata alguns acontecimentos e mudanças na paisagem social e cultural suburbana:

Em dias destes últimos, houve nos subúrbios nada menos de dois incêndios. Os subúrbios já têm o seu jornal, e estes incêndios vêm a calhar para o seu

⁴ O geógrafo traz os seguintes agentes: grandes industriais; grandes proprietários fundiários; agentes imobiliários; o Estado; e grupos sociais excluídos.

noticiário. Decididamente aquelas regiões precisam ser descobertas. (...) Com jornal, incêndios, carros para damas delicadas, não é de admirar que amanhã tenham os subúrbios também a sua praia de Botafogo, como *gentlemen, snobs, smarts*, e outros moluscos da coleção de Victor Vianna (Revista Fon Fon, 27/julho/1907, p. 4).

A movimentação que se dá nas regiões suburbanas traz uma exclamação do redator: “decididamente aquelas regiões precisam ser descobertas”. A mudança da dinâmica de seu cotidiano gerava percepções de que a vida por ali começava a atender os anseios da modernização da *Belle Époque* carioca. Corrobora essa passagem da revista a descrição contida no livro de recenseamento do então Distrito Federal, realizado em 1906. É dito neste documento o seguinte, quando aborda a Estrada de Ferro Central do Brasil,

cujas linhas suburbanas servem uma parte imensa da cidade, ou, para melhor dizer, uma imensa cidade nova ligada à antiga, porque a zona suburbana do Rio de Janeiro ocupa uma área dilatadíssima, quase toda densamente povoada, aglomerando-se a população em torno das estações de parada da Estrada de Ferro Central, e sendo cada uma dessas estações uma cidadezinha pitoresca, com as suas chácaras, suas igrejas, as suas fábricas, as suas escolas e as suas vilas operárias (IBGE, 1906, p. XLIV).

Outra descrição importante a ser observada é a coluna “Sciencia Fácil – correspondência do Dr. Sabetudo” da revista *O Tico-Tico*, que em 27 de janeiro de 1909 traz a dúvida da menina Maria Rita Monteiro da Silva sobre o que significa “subúrbios”. A questão é sanada em uma breve afirmação: “Subúrbios são as vilas que ficam nos arredores da cidade” (*O Tico Tico*, 27 de janeiro de 1909, p. 7). Alguns anos depois, em 1916, a mesma coluna explica uma dúvida sobre questões urbanas:

Bairro é qualquer subdivisão da cidade, como freguesia, paróquia ou distrito. Arrabalde ou subúrbios são nomes que se dão aos bairros que ficam nos arredores da cidade. Aqui no Rio de Janeiro faz-se distinção que é exclusivamente de hábito nosso. Essa distinção consiste em reservar o nome de *subúrbio* aos arrabaldes servidos pelas estradas de ferro. Mas, de fato, subúrbio e arrabalde têm a mesma significação. A palavra arrabalde vem de ‘arredores’; subúrbio significa sub-urbs, cidade secundária ou parte menos importante de uma cidade. A palavra urbs significa cidade. Daí se formam as palavras urbano (aplicada ao que diz respeito à cidade), *urbanidade* maneira polída, peculiar à gente das cidades, geralmente mais educada do que a dos campos (*O Tico Tico*, 29/03/1916, p. 24, grifo da revista).

Percebemos que há uma ideia que circula sobre a noção do que é o subúrbio dentro deste recorte temporal. Como bairros que parecem “cidadezinhas pitorescas”, na descrição do documento oficial de 1906 da prefeitura; como uma “cidade secundária” ou uma “parte menos importante de uma cidade”, na percepção do “Dr. Sabetudo”, o subúrbio necessitava da

intensa investida na produção de seus espaços para que houvesse alinhamento com a modernidade.

Os números censitários entre 1906 e 1920 são claros quanto à expansão demográfica suburbana. No primeiro, a população residente nos subúrbios representava 22,9% da população total da cidade, sendo 185.687 habitantes suburbanos de um total de 811.443 habitantes do Rio de Janeiro. Quatorze anos depois, em 1920, com a cidade tendo 1.157.873 habitantes, nos subúrbios residia 33% da população (380.160 habitantes), um salto demográfico de 104% no espaço de uma década e meia (IBGE, 1920). Essa expansão demográfica é seguida por anseios da população que chegam até as páginas de revistas em formato de ilustrações com ironias características das páginas revisteiras. Em *O Malho* de 9 de maio de 1908 temos um caso que nos auxiliar a perceber tais críticas sobre a falta de atenção do poder público às zonas suburbanas, resumindo o crescimento demográfico que se segue com os reclames da população suburbana (Figura 1):

Figura 1: Pelos subúrbios: “clama ne cesses”.



Fonte: O MALHO, 9 de maio de 1908.

Na figura apresentada, a zona suburbana é representada por uma mulher com trajés à moda burguesa a zona urbana e que segue atrás do carro onde se encontra outra figura feminina, representando a zona urbana, e que anda de automóvel por um cenário de orla modernizado junto de autoridades públicas, entre elas Souza Aguiar, Alfredo Pinto (secretário de polícia do governo Afonso Pena) e Oswaldo Cruz. Ao observarmos atentamente o cenário, percebemos um poste de luz elétrica na calçada de uma via urbanizada, apta para a circulação de um automóvel e caminhadas de transeuntes que queiram apreciar a paisagem naquela orla,

cuja vista aponta para o que parece ser o Pão de Açúcar. A zona suburbana persegue o carro em movimento em que estão as autoridades junto da zona urbana e clama - como diz no título, escrito em latim, que significa “clame para não desistir”. Segue o diálogo:

Zona Urbana: Tira o cavalo da chuva, menina! Tu lá te podes igualar a mim? Vê a figura ratona que andas fazendo por aqui...

Zona suburbana: Não foi isso que disse Bilac; até me achou bem bonita... Só o que me falta é higiene, polícia e prefeitura... São esses *coiós* que aí tens...

Oswaldo Cruz, Alfredo Pinto e Souza Aguiar: Coiós...vá ela! Somos os protetores do Rio de Janeiro...

Suburbana: Perdão! Como os senhores nunca aparecem por lá, os conheço como tais... (O Malho, 9/05/1908, p. 5).

Os reclames da zona suburbana começavam a ecoar na emergente imprensa republicana das primeiras décadas do século XX. Entre as revistas ilustradas, as modas europeias chegavam à região e começava a dividir a atenção das páginas com os costumes *chics* de Botafogo. Assim, vimos o crescimento da região traduzido em números nos censos oficiais e, com eles, as reivindicações personificadas em ilustração, a qual mostra uma zona suburbana que percorria, sob reclames, as autoridades exigindo os melhoramentos dispensados à zona urbana.

Os melhoramentos nos subúrbios

Lengas e acidentadas viagens para os subúrbios do Rio, cheias de tédio e de poeira, não haverá entre os nossos poetas algum que tenha a alma precisa para cantar a vossa quotidiana odisséia? Imagine-se quarenta minutos, cinquenta, uma hora, hora e meia - sei eu lá! - arrastados pela Light, através dessas ruas imensas e cheias de pó que vão dar aos subúrbios e, diga-se, depois se não deveria existir uma cruz Legião d’Honra para os que têm a desventura de morar para os lados de S. Francisco e outras remotas regiões (Fon Fon, 16/08/1913, p. 28).

O trecho retirado de um artigo publicado na revista *Fon Fon* mostra que chegar aos subúrbios era algo sofrível pelo estado de suas localidades e da vagarosidade do transporte. O autor clama que vozes literárias chamem atenção para o estado da região, cujas ruas cheias de pós compõem paragens. Viver nos subúrbios, para o autor, merecia uma honraria - a Legião da Honra, condecoração honorífica militar - “para os que têm a desventura” de habitar tais remotas regiões. Anos antes, em 1908, a mesma revista anunciava: “*Le suburbe s’éveille!*” (“O subúrbio desperta!”), indicando no mesmo texto de D. Picolino que, “pelo que leio, a vida, a

animação, *souci de smartismo* está se transportando para os subúrbios”⁵. Importante notar que, segundo Rosane Feijão (2009), o *smartismo*

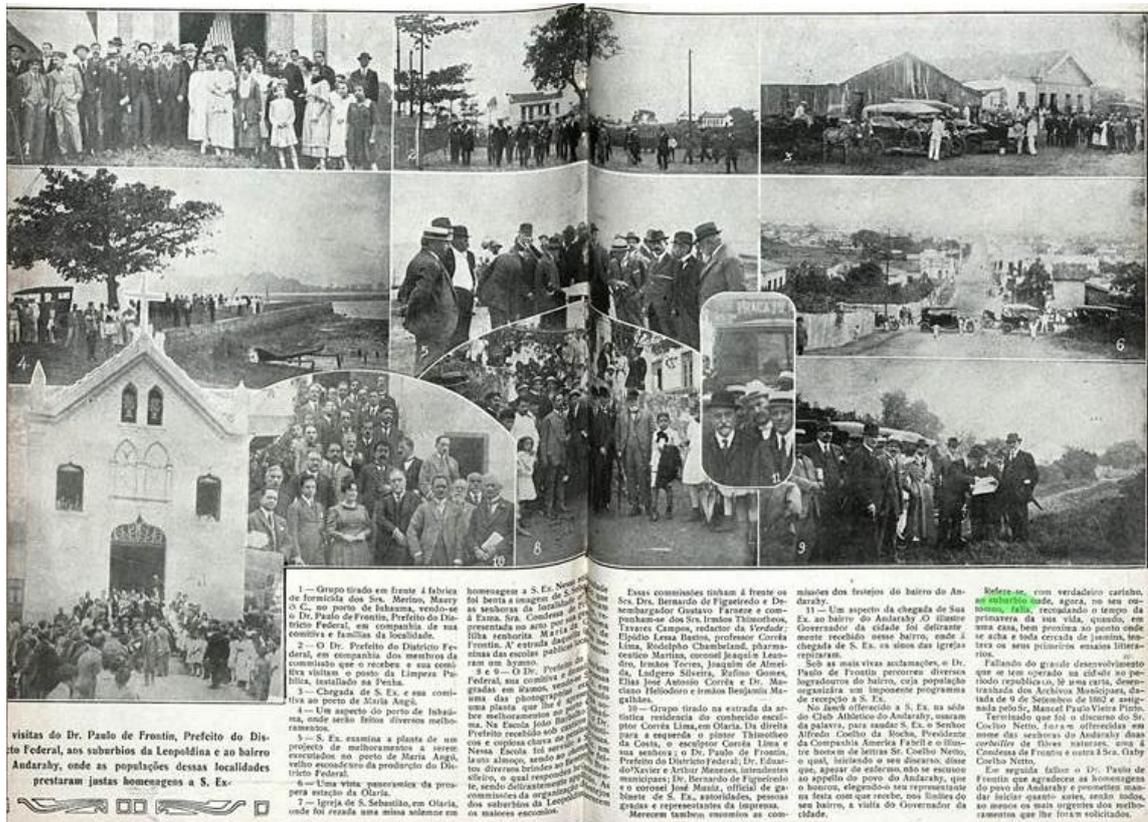
não era exclusividade do sexo masculino, embora na maior parte das vezes fosse aplicado ao comportamento e à aparência dos cavalheiros que davam atenção especial à moda. Ser smart carregava um conjunto de representações que estavam alinhadas, portanto, às novas tendências que se estabeleciam no cotidiano do Rio de Janeiro no início do século XX. Não estavam apenas relacionada ao indivíduo, mas referia-se à “um grupo de pessoas” e também o uso de expressões, “geralmente estrangeiras, eram consideradas smarts, assim como certos ambientes – five-o-clock teas, garden-parties – onde os hábitos da burguesia europeia, considerada civilizada e moderna, eram cultivados e cultuados (Feijão, 2009, p. 3).

Ao carregar a frase com os termos relativos à “vida” e a “animação”, traz os significados expressos na linguagem de que a movimentação das práticas socioespaciais de uma distinta classe social estavam adentrando os subúrbios. O texto em si traz diversas expressões *smarts* para falar dos espaços que perdiam lugar na preferência de uma emergente sociedade burguesa que desfrutava desses espaços para o lazer.

É perceptível a condição do subúrbio como um espaço em transição. A ambivalência é presente no espaço quando convivem, lado a lado, a precariedade relatada pelos periódicos a respeito da infraestrutura e uma emergente vida ativa nos principais bairros, com indícios de mudanças de costumes que passavam a se alinhar com os novos tempos modernos da cidade. As reclamações na ilustração que apresentamos na Figura 1 começam a surtir resultados ao longo da década 1910, período em que os subúrbios começam a surgir nos periódicos com mais frequência, como consequência diferentes mobilizações de seus moradores e também da evidente expansão demográfica, traduzida no censo. No final desta década teremos, por exemplo, a visita do então prefeito Paulo de Frontin ao subúrbio da Leopoldina e no Andaraí, em 1919, registrado pela revista *Fon Fon*. A descrição e as imagens da visita do prefeito à localidade (Figura 2) trazem, entre as pompas da recepção e solenidades organizadas por famílias e estabelecimentos locais, os trabalhos que seriam desenvolvidos para alguns pontos da região, como os “diversos melhoramentos” que estavam planejados para o porto de Inhaúma e o registro do político examinando “a planta de um projeto de melhoramentos a serem executados no porto de Maria Angú, velho escoadouro da produção do Distrito Federal” (*Fon Fon*, 21/01/1919, p 30).

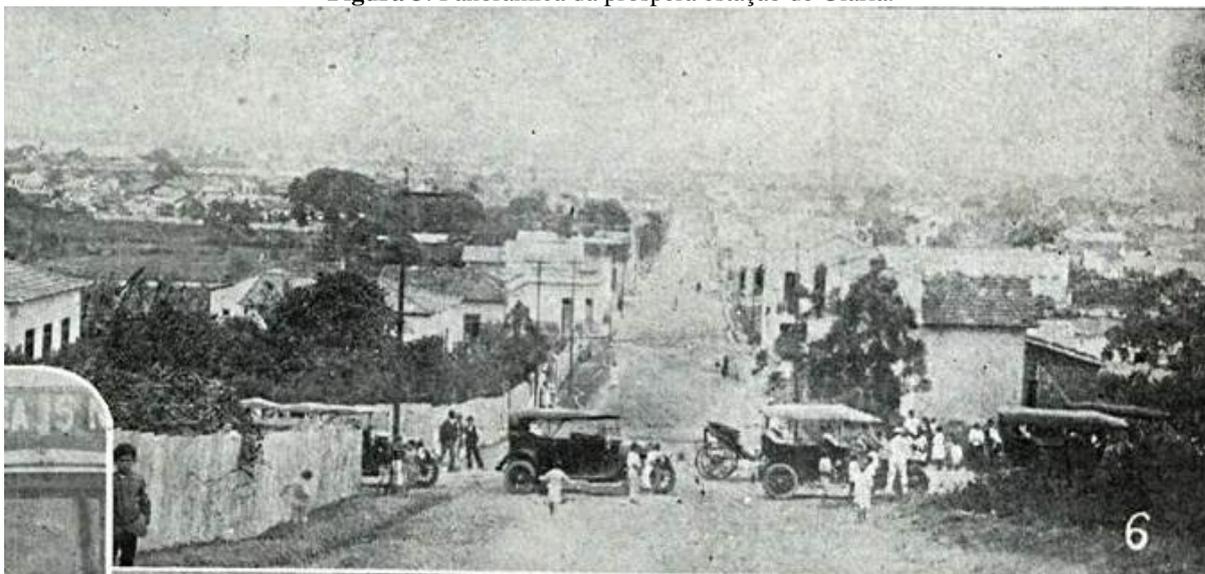
⁵ “Preocupação de *smartismo*” em tradução livre.

Figura 2: Visita do Dr. Paulo de Frontin, Prefeito do Distrito Federal, aos subúrbios da Leopoldina e ao bairro Andaraí.



Fonte: Fon Fon,, 21/01/1919, p. 30. Hemeroteca Digital.

Diante da imagem destacada, chamamos atenção para o que Peter Burke (2017) fala sobre a composição da fotografia na escrita da história. Assim como a imagem serve como um registro histórico, sua construção também deve ser levada em consideração, principalmente na participação do fotógrafo ao compor o cenário. Assim, esses documentos precisam ser contextualizados, uma vez que “da mesma forma que outras formas de evidência, fotografias podem ser ambas as coisas: evidência da história e história” (Burke, 2017, p. 40). No caso da visita de Paulo de Frontin à Leopoldina, verificamos, por exemplo, que a imagem do porto de Inhaúma (segunda imagem, de cima para baixo, no canto esquerdo), o ambiente registrado: uma orla com um simples e pequeno cais portuário que atendida às demandas de escoadouro das produções locais, assim como o porto de Maria Angú, alvo de investimentos em melhoramentos da parte da administração municipal. Chamamos atenção igualmente à panorâmica de uma avenida na segunda imagem, de cima para baixo, no canto direito: a descrição na lista da agenda feita pelo prefeito diz ser da “próspera estação de Olaria”. Aproximando a imagem (Figura 3), podemos observar alguns elementos que dão o adjetivo proposto pela revista:

Figura 3: Panorâmica da próspera estação de Olaria.

Fonte: Fon Fon, 21/01/1919, p. 30. Hemeroteca Digital.

Percebemos que a ideia de uma localidade *próspera* é resumida pelo avanço da urbanidade sobre o espaço, contando com o arruamento ordenado, postes de iluminação e automóveis cruzando a via. O cruzamento da percepção de progresso é expresso aqui sob a noção de *prosperidade*, quando da materialidade do espaço urbano e elementos de modernização terem se colocado sobre a paisagem.

Nas duas imagens anteriores, para além da ideia dos melhoramentos nas localidades, a montagem de fotografias e um dos registros destacados traduzem o processo apontado por Burke: na Imagem 1, no centro da composição de fotos está a imagem do prefeito analisando a planta de melhoramentos junto com sua comitiva, ao passo que as imagens ao redor retratam as solenidades locais, presença da população e alguns lugares que receberam intervenção do poder público para serem “melhorados”. Na Imagem 2, é interessante perceber que a composição do quadro fotográfico coloca no centro da imagem uma grande avenida nas proximidades da estação de Olaria. Em primeiro plano, automóveis cruzam a via que se alonga em linha reta e se perde no horizonte de sua extensão para compor, compondo a narrativa fotográfica da modernidade expressada pelos veículos que se mesclam à paisagem urbana emergente, cortada pela artéria retilínea margeada por casas e outros imóveis com jardins, traduzindo o que vimos antes acerca da descrição dos subúrbios - cidadezinhas pitorescas que crescem ao longo das vias férreas onde uma grande população já se dispersa.

Da visita do prefeito também podemos destacar outra observação de Roberto Lobato Corrêa em relação a atuação “complexa e variável” do Estado como agente de produção do espaço, “refletindo a dinâmica da sociedade da qual é parte constituinte”. Corrêa nos afirma

que a atuação do Estado é “marcada pelos conflitos de interesses dos diferentes membros da sociedade de classes, bem como da aliança entre eles” (Corrêa, 2004, p. 26). Desta forma, no caso apontado aqui relativo ao subúrbio da Leopoldina, são colocadas as evidências dessa dinâmica entre os interesses convergentes entre a população local e o poder público, na figura do prefeito em sua visita. A revista ilustrada surge como uma vitrine de exposição dessa articulação que movimenta e constrói a imagem dos avanços dos “melhoramentos” também nos subúrbios.

Outros exemplos podemos trazer aqui, de outros pontos do Rio de Janeiro e de outras épocas, para podermos ampliar esta breve discussão. De certo não teremos o espaço necessário para analisarmos os materiais que até o momento foram coletados - o que será feito posteriormente -, mas a ocasião é válida para mostrarmos o quanto podemos reforçar a ideia de uma *Belle Époque* suburbana, um dos pontos focais do desenrolar da pesquisa em andamento. Em Anchieta, em novembro de 1912, a revista *O Malho* noticiou a visita do então prefeito Bento Ribeiro ao local. Chamamos atenção igualmente para a composição das fotografias, com autoridades públicas e locais no centro das imagens, com suas comitivas e a população ao redor, proporcionando a leitura para os atores centrais da mobilização que promoveu a produção dos melhoramentos no espaço. A população presenciou a inauguração de “vários melhoramentos naquele fluorescente subúrbio” de Anchieta, como vemos nas figuras 4 e 5.

Figura 4: Visita do prefeito Bento Ribeiro à Anchieta.



Fonte: *O Malho*, 9/11/1912, p. 14. Hemeroteca Digital.

Sob título de “Anchieta Progride”, trazemos mais exemplos dessa construção da ideia de progresso relativo aos melhoramentos como produção material do espaço suburbano. Para

fins de interpretação, é preciso perceber que o melhoramento por via do progresso material propõe a superação do que não cabe no ideal modernizante do período, o que mostramos na denúncia de Lima Barreto logo no início deste artigo. Os melhoramentos, portanto, promovem o “florescimento” de um bairro em um ponto da região suburbana.

Figura 5: Anchieta progride.



Fonte: O Malho, 24/11/1912, p. 15. Hemeroteca Digital.

No decorrer da década, outros exemplos podem ser pinçados ao longo das revistas destacadas como focos da análise proposta, como um artigo na revista *Fon Fon* sobre a aquisição de terrenos nos subúrbios. É dito no texto que:

A população do Rio, compreendendo, afinal, que não é somente o centro da cidade a sua parte habitável, procura já deslocar-se para os arrabaldes e subúrbios, muito mais saudáveis e amenos, às vezes, que o centro, estendendo, assim, as construções para bairros onde começam a avultar as lindas casas e belas ruas (Fon Fon, 21/10/1922, p. 76).

O trecho em questão destaca a salubridade dos ares suburbanos para viver longe da efervescência do centro, propícios para construção de moradias. Junto com os demais apontamentos trazidos até aqui, percebemos uma volatilidade nas perspectivas dadas às zonas suburbanas: pitorescas, sem infraestrutura, distantes do centro, mas ao mesmo tempo com ares saudáveis, com clima ameno, onde ainda se encontram paisagens bucólicas. Desta forma, deixamos em evidência alguns exemplos para que seja dinamizado o debate acerca do processo de urbanização que ocorria nos subúrbios na esteira das demandas da *Belle Époque*, em especial nos impactos da perspectiva do progresso pretendido pelos sucessivos governos republicanos sobre a capital do país.

Considerações finais

Fazendo jus à exposição de Lima Barreto que iniciou este texto, vimos que os espaços suburbanos eram vastos campos de transformações urbanas e sociais. O avanço do processo denunciado pelo escritor não se refletiu apenas na derrubadas das árvores que ofereciam sobras para humanos e aves que buscavam se refugiar dos dias ensolarados, mas também nos costumes da população que crescia ao longo das ferrovias que serviam os longínquos subúrbios.

Traçamos até aqui pontos de interlocução entre as ideias de prosperidade, progresso e melhoramentos sobre o espaço suburbano a partir de produtores do mesmo. Na ocasião, vimos a existência de uma ideia que retratava a zona suburbana como uma região secundarizada, assim como verificamos que, a partir da segunda metade dos anos 1900, os subúrbios figuravam nas páginas como locais a serem considerados pelos poderes públicos por conta de uma emergente população que exigia melhoramentos, tanto do ponto de vista estrutural, já que a demografia da região exigia recorrentes investimentos dos poderes públicos e privados, quanto para ser posto no eixo da modernização vigente, a exemplo da visita de prefeitos acompanhados pela população local e com destaques fotográficos nas páginas dos periódicos.

Diante do exposto, a proposta de um debate sobre uma *Belle Époque* suburbana ganha fôlego para ser desenvolvida ao longo do processo de pesquisa da qual faz parte as breves exposições conceituais e documentais aqui levantadas, a ser desenvolvida tendo como um dos eixos da dinâmica as perspectivas das ideias de progresso, melhoramentos, desenvolvimento e modernidade impostas sobre os subúrbios cariocas.

Fontes

ANCHIETA PROGRIDE. **O Malho**. Rio de Janeiro, 23 de novembro de 1912, p. 15. In. Hemeroteca Digital. Acesso em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/116300/23217>.

COMO se adquirem terrenos. **Fon Fon**. Rio de Janeiro, 21 de outubro de 1922, p. 76. In. Hemeroteca Digital. Acesso em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/259063/152748>.

CORRESPONDÊNCIA do Dr. Sabetudo. **O Tico Tico**. Rio de Janeiro, 29 de março de 1916, n° 547, p. 24. Acesso em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/153079/10643>.

A DERRUBADA. **Correio da Noite**. Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1914, n° 52, p. 1. In. Hemeroteca Digital. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/830135/2796>.

EM ANCHIETA. **O Malho**. Rio de Janeiro, 9 de novembro de 1912, n° 530, p. 14. In. Hemeroteca Digital. Acesso em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/116300/23091>.

IBGE. **Recenseamento do Rio de Janeiro (Districto Federal)**, realizado em 20 de setembro de 1906. Acesso em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=51102>

IBGE. **Recenseamento do Brasil**. realizado em 1 de setembro de 1920: população do Rio de Janeiro (Districto Federal)/Directoria Geral de Estatística. Acesso em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=26383>

LENGAS e acidentadas viagens. **Fon Fon**. Rio de Janeiro, 16 de agosto de 1913, nº 33, p. 28. In. Hemeroteca Digital. Acesso em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/259063/14887>.

NOS SUBÚRBIOS – Bangu. **A Época**. Rio de Janeiro, 8 de setembro de 1913, nº 405, p. 6. In. Hemeroteca Digital. Acesso em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/720100/3483>.

PELOS SUBÚRBIOS: “Clama ne cesses”. **O Malho**. Rio de Janeiro, 2 de maio de 1908, nº 294, p. 4. In. Hemeroteca Digital. Acesso em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/116300/11376>.

SUBÚRBIOS. **Fon Fon**. Rio de Janeiro, 27 de julho de 1907, nº 16, p. 4. In. Hemeroteca Digital. Acesso em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/259063/445>.

SUBÚRBIOS SMARTS. **Fon Fon**. Rio de Janeiro, 6 de junho de 1908, nº 9, p. 14. In. Hemeroteca Digital. Acesso em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/259063/895>.

VISITA do Dr. Paulo de Frontin... **Fon Fon**. Rio de Janeiro, 21 de janeiro de 1919, nº 25, p. 30. In. Hemeroteca Digital. Acesso em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/259063/33322?pesq=%22subúrbio%22>.

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, André N. Reforma urbana: civilização e progresso. **Dia-Logos: Revista Discente Da Pós-Graduação em História**. Rio de Janeiro, vol. 2, jan. - dez., 1998.

AZEVEDO, André Nunes. **A Grande Reforma Urbana do Rio de Janeiro: Pereira Passos, Rodrigues Alves e as ideias de civilização e progresso**. Rio de Janeiro: ed. Puc-Rio, 2016.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular**. o uso de imagens como evidência histórica. São Paulo: Ed. Unesp, 2017.

CORRÊA, Roberto L. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ed. Ática, 2004.

FEIJÃO, Rosane. Smartismo: elegância masculina e modernidade no início do século XX no Rio de Janeiro. **XXXII Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. Curitiba, PR. 4 a 7 de setembro de 2009.

FERNANDES, Néson da Nóbrega. **O Rapto Ideológico da Categoria Subúrbio**. Rio de Janeiro, 1858-1945. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. Paradoxos da Belle Époque tropical. In. CHAVES, Vânia Pinheiro (coord.). **Flagrantes da Literatura Brasileira da Belle Époque**. Lisboa: Ed. Esfera do Caos, 2013.

MARTINS, Ana Luiza. Da fantasia à História: folheando páginas revisteiras. **História**. São Paulo, v. 22, n. 1, pp. 59-79, 2003.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. **Imprensa e Cidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

MONTEIRO, Evelyn Morgan. **A Revista: modernismo e identidade fluminense (1919-1923)**. Dissertação de Mestrado: Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura, PUC-Rio, 2008.

VELLOSO, Mônica Pimenta. As distintas retóricas do moderno. In. OLIVEIRA, Cláudia de; VELLOSO, Mônica Pimenta; LINS, Vera. **O Moderno em Revistas:** representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930. Rio de Janeiro: Garamond. 2010.